

MUSEU DA PESSOA

História

D. Maria do Carmo, multiplicadora de vidas

História de: [Maria do Carmo](#)

Autor: [Paula Rubens](#)

Publicado em: 07/03/2018



Veja bem caro leitor
O que tenho encontrado
Vou descrever uma parte
Nestes versinhos rimado
Do que me aconteceu
Nesta vida de Soldado.

O homem para ser soldado
Precisa disposição
Ser ativo na luta
E andar pelo Sertão
Perseguindo Cangaceiros
De Luiz Padre e Lampião

Em pensar minha vida
As travessias que passei
Na vida de soldado
Nos lugares que andei
Passando os transtornos da morte
Não sei como escapei

Sou Praça de 1917
Dia 2 de Fevereiro
Do Primeiro Batalhão
Fui transferido para o Terceiro
Me botaram nas volantes
A perseguir Cangaceiros

Contava 13 anos de idade
Era pequena figura
Achava bonito dizer
Eu na força tinha Bravura
Por isso carregava satisfeito
A cartucheira na cintura

Recuraram e não vieram
Fiquei no perigo só
Cercado de inimigo
Aí atirei sem dó
Foi quando veio outra bala
Cravou-me acima do Moco-tô

Aí pedia a Deus
Que me tirasse por favor
Que já não suportava mais
Sofrendo tamanha dor
As balas cobriram de terra
Pareciam um cisgador

Cercado de inimigos
Sem poder me retirar
Uma bala pegou na cabaça
Só tive que rebentar
Fiquei desanimado
Quando vi a água derramar

Na situação que me achava
Só Deus podia valer
Porque do contrário
Só tinha que morrer
Não me servia ter a comida
E não ter água para beber

Correram 3 graduados
Com o Cabo Serapião
Ficou o Cabo Hígino
Ordemância do Capitão
Foi quem livrou-me de morrer
Por Luiz Padre e Sebastião

No dia 6 de Novembro
Do ano de 1919
Da força de Zé Caetano
Ainda tem quem prove
Todo meu sofrimento
Não há quem desaprove

Na fazenda da Quixaba
Eu era do reconhecimento
Quando chegamos na casa
Os inimigos estavam dentro
Foi um forte tiroteio
Que travou-se de momento

Nesse eu ainda era
Um soldado sadio
Mais é certo que de Bala
Não há quem faça desvio
Veio uma bala traíçoera
E cravou-se no quadril.

Logo nesse momento
Fiquei com a perna coxa
Não podia escapular
Pois era uma Bala Roxa
Depois veio outra bala
E cravou-se atrás na coxa.

Pedi aos companheiros
Quando me vi baleado
Que me tirasse do perigo
Nem que fosse arrastado
Por cima de pau e pedra
Os espinhos do alastrado.

Um cabra ainda me viu
Partiu para me sangrar
Se não fosse Zé Caetano
Com a sua força avançar
Só foi abaixo de Deus
Que livrou de me matar

Não podia mais andar
Que já estava muito cansado
Nas mãos só tinha espinhos
Os joelhos todo ralado
Além desses sofrimentos
De sede devorado

A procura de um lugar
Que fosse me amparando
Mariano Miguel dos Anjos
E o soldado Chico Liando
Me pegaram pelas pernas
E saíram me arrastando

Me botaram em uma caverna
U soldado fez garapa e me deu
A força ainda avançou
Foi bala que estremeceu
De hora para o momento
O grupo desapareceu

Reuniu-se a força na casa
Que estava o grupo alojado
O Capitão disse logo
De minha força falta soldado
Ordenou que procurasse
Os mortos e os baleados

A força era composta
De setenta e tantos homens
Tinha três Oficiais
Aos quais direi nos nomes
Capitão José Caetano
Lyra Guedes e Costa Gomes

Ali só estava esperando
Os revezes da minha sina
Porque só podia se dar
Uma triste carnificina
Eu brigava amparado
De uma cerca de faxina

Já estava esmorecendo
Os sofrimentos me atacando
A munição que conduzia
Já estava se acabando
Segurei o fuzil na mão
E sai me arrastando

Já ia muito cansado
Não podia mais andar
O fuzil pesando muito
Eu resolvi a deixar
Fui tirar o ferrolho
Botei dentro do bernal

Pelejando para sair
Não achava direção
Não havia um só lugar
Que tomasse posição
Sai por baixo do Xiquexique
Com a barriga pelo chão

Eram 4 horas da tarde
Quando findou-se o tiroteio
Tinha 7 baleados
E um morto no meio
Tudo ali lamentava
Um quadro tão triste e feio

Foram sepultar o morto
Na sombra de um juazeiro
Manuel Amaro gritou
Sr. Capitão olhe os cangaceiros
Eram o Sargento Barreto
Que vinha no roteiro

Nisso a força se entricheirou
Eu disse na tenho a fazer
Escapei lá da trincheira
Agora tem morrer
Da cidade dos inimigos
Só Deus pode Valer

Nesse grande alvoroço
Eu sai me arrastando
A procura de um luar
Que fosse me amparando
Um soldado detonou
Quase que ia me matando

Depois deu-me uma vertigem
Fiquei prostrado no chão
Nada via no mundo
Nessa mesma ocasião
Quando tornei vi o soldado
Botando-me veta na mão

Chegamos em Vila Bela
As 11 horas do dia
A população estava ciente
Porque de tudo já sabia
O povo que esperava
Parecia uma romaria

Entrei no hospital de Sangue
No estado de invalidez
Só ferimento de Bala
No meu corpo tinha seis
Chegou José Sotero
Dr. Olímpio de Menezes

Fizeram os Medicamentos
Porém com todo cuidado
Na casa da enfermaria
Tinha sete baleados
Depois do sétimo dia
Estavam todos melhorados

O Dr. José Sotero
Tratava com cuidado
Cada dia e cada hora
Estava ao nosso lado
Perguntando aos feridos
Se estava sentido alterado

Dr. Sotero de Souza
Que nos deu grande melhora
Pelos esforços que fez
Podemos alcançar vitória
Só então os milagres de Deus
Hoje estou contando a história

O leitor já leu meu sofrimento
Eis aí o meu motivo
Cada instante vendo a morte
Porém ainda estou vivo
Nunca tive encostado
Sempre no serviço ativo

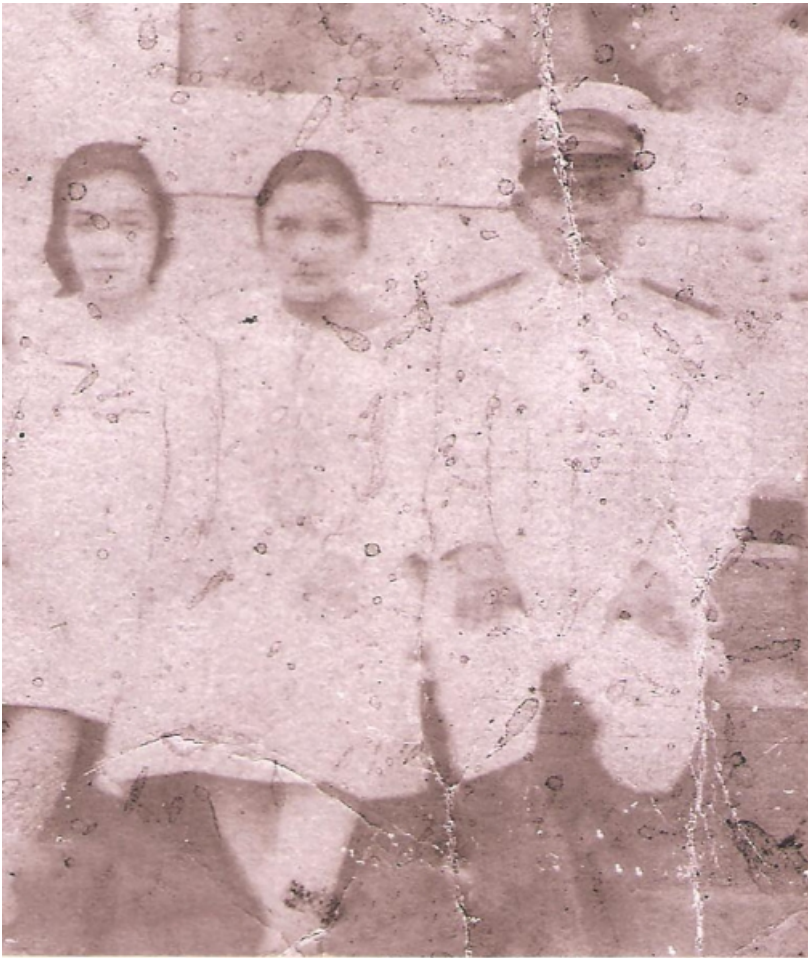
Com isto ainda não me altera
Nem mostro ação covarda
Nunca tive arrependimento
Na vida de espingarda
Covarde o soldado
Que não honra a sua farda

Enfrentar o bandidismo
Eu nunca tive receio
Qualquer combate que havia
Eu sempre estava no meio
Porque achava bonito
Quando entrava no tiroteio

Com esta minha história
Não sabia contar grandeza
Não alcancei outra vitória
Nem com isto tinha tristeza
Ainda me restava uma glória
O governo por defesa

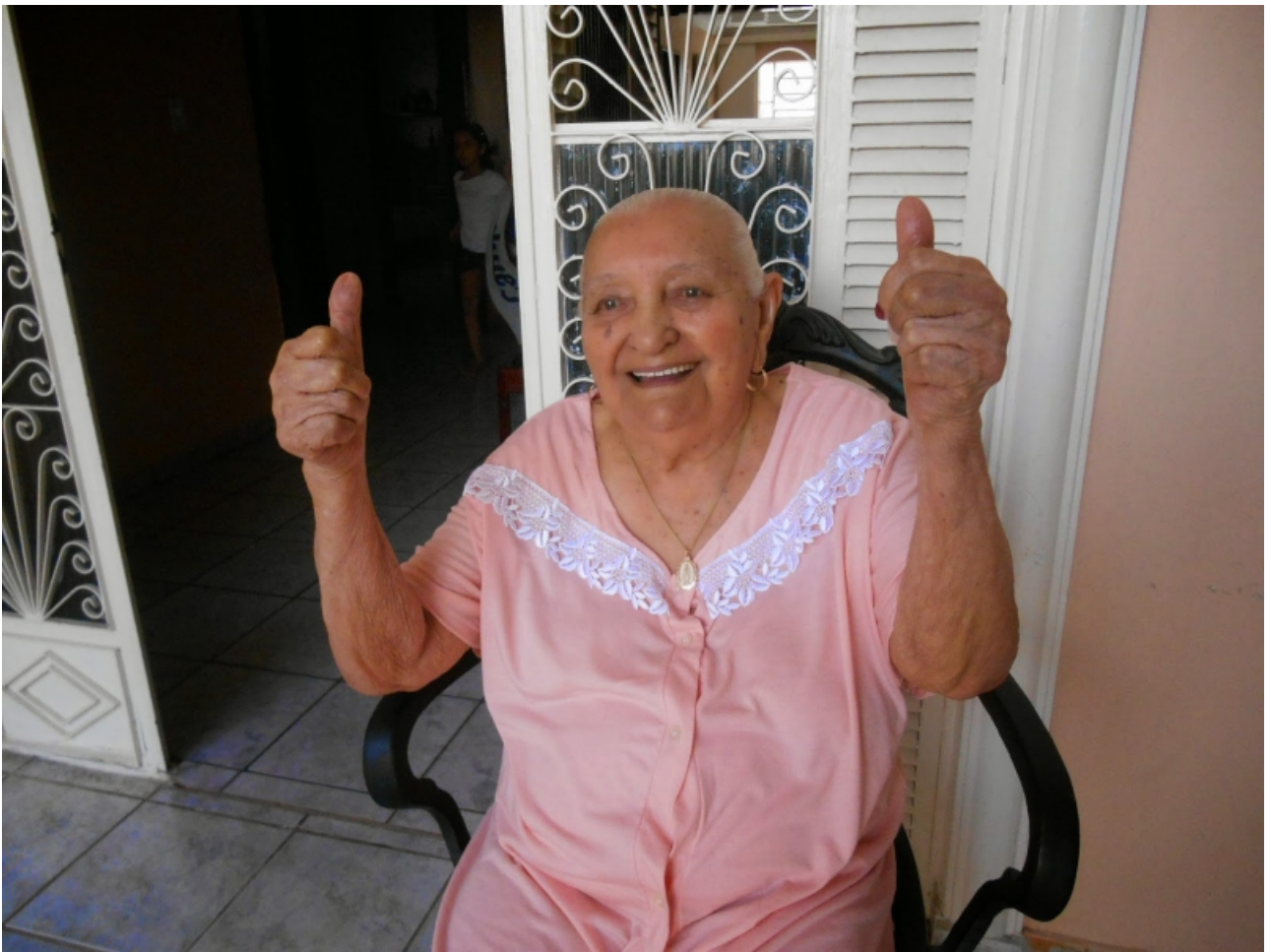
Verde a nossa Bandeira
Pois nela temos a esperança
E como diz o ditado
Quem espera por Deus não cansa
Tudo com a morte se acaba
Tudo com vida se alcança

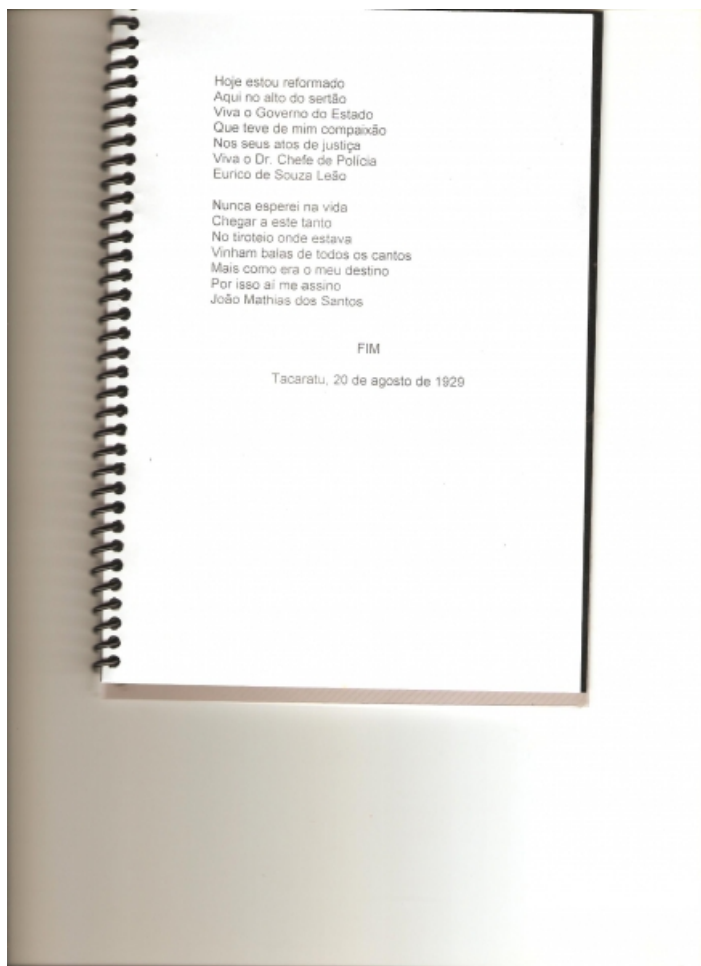












Sinopse

Com o coração e a coragem, ela se dispôs a ajudar uma mulher a parir numa hora em que não havia ninguém por perto que pudesse fazer isso. Aprovada no teste, fez disso sua missão de vida.

Tags

- [crianças](#)
- [parteiras](#)
- [Pernambuco](#)
- [casamento](#)
- [Petrolândia - PE](#)
- [cangaceiros](#)

História completa

Maria do Carmo Santos, nasceu em 25 de junho de 1912, na Fazenda Nunes , município de Tacaratu (PE). Filha de Ana Maria e João Duque , teve como irmãos, todos por parte do pai, José Duque, Zélia, Elizabete, Antonio Carlos, João, José Narciso , Antonio Assis e Bezeca.

Quis o destino que Noé Faceiro, parente do seu pai, ficasse viúvo e chamasse Ana Maria sua mãe, para cuidar dos filhos dele, muitos ainda pequenos. Mãe solteira que era, ela foi e levou consigo sua filha Maria do Carmo , que na época tinha por volta de sete anos de idade. Assim como sua mãe cuidou dos seus filhos, Noé Faceiro foi um verdadeiro pai para Maria do Carmo. Nunca fez distinção entre ela e os filhos de sangue, por isso considera também seus irmãos Antonia, Socorro, Blandina , Margarida, Alberto e José Noé (filhos do primeiro casamento dele) , bem como Maria Eugênia, Maria Conceição, Rosália, Jurandir, Alberto, João Noé, Antenor, Paulo, Manu e Inês, do segundo casamento.

Foi nesse ambiente que D. Maria do Carmo cresceu, estudou, aprendeu a ler e escrever, e também corte e costura.

Moça bonita e prendada começou a flertar com um moço, classe média, natural de Porteira (CE), que veio prestar serviço em Tacaratu. Chamava-se João Matias dos Santos, era policial e bem mais velho que ela. Por causa disso a família não queria o namoro. Ela tinha apenas 15 anos, idade normal para se casar naquela época, mas ele tinha 29 anos. Além disso, era soldado uma função considerada de baixa categoria.

Acontece que ela apaixonada insistiu e a família acabou aceitando . Casaram-se em 1927. Da união nasceram cinco filhos: Gilberto, Heronides (falecido), Davino, Agmar (falecido) e Bernadete, adotou também Tereza como filha (falecida), todos nascidos em Tacaratu.

Em 1956 tiveram que mudar para Petrolândia, para onde Sr. João Matias fora transferido. Destacado para atuar na volante, em perseguição aos cangaceiros, foi atingido por uma bala que o deixou com uma perna defeituosa. Por isso, foi reformado ainda novo.

Impossibilitado para o trabalho, fazia versos e tocava tuba e bombardine na Sociedade Musical de Petrolândia. Mas o salário era pequeno e ela precisou dedicar-se á costura para ajudar o marido nas despesas da casa. Costurava à noite até altas horas, disposição nunca lhe faltou. Ainda em Tacaratu, mesmo com tanto filho para cuidar, casa e marido, não se furtou a ajudar uma vizinha prestes a parir. Vendo que não tinha ninguém para socorrer, D. Maria , mesmo sem nunca ter feito um parto, ofereceu ajuda. Foi sua primeira experiência como parteira e nunca mais parou. Depois disso passou a ser chamada a qualquer hora do dia ou da noite.

Ajudou a botar tanta criança no mundo que até perdeu a conta. Foram mais de mil. Pagamento? Só alegria de poder ajudar. No máximo, como agrado, uma galinha oferecida pelo feliz casal socorrido. Até Dr. Ely , da Fundação Sesp, vinha chamá-la quando uma das gestantes sob seu acompanhamento chegava a hora de parir. Ele orientava e ela, que era voluntária, já tinha no SESP uma maletinha com todo material necessário para fazer os partos.

Tempo depois é que foi contratada pela Prefeitura para atuar na Maternidade Santa Inês juntamente com Arlete, que também era parteira lá. As assistentes Umbelina, Maria Margarida, Dida de Belé, Nenem de Zezé, Afonsina de Aladino, Izabel, Ninô, Rufina e Nequinha de Maria Banha foram suas colegas de trabalho.

Passou por muitas dificuldades. Ficou viúva em 1972 e viveu a dor de sepultar três filhos durante sua longa vida. Dois de morte trágica. Primeiro Agmar , assassinado na cidade de Belmonte (PE), onde atuava como policial e depois Heronides , ambos aos 25 anos de idade.

Heronides havia servido o exército, mas antes foi seminarista. Tornou-se professor, disciplinário e fundador do Pelotão Especial do Ginásio Municipal de Petrolândia. Muito querido por os alunos e professores. Foi durante uma festa de formatura que ele ao pular do um baixo muro do Clube, após haver bebido, desequilibrou-se e bateu a cabeça no meio fio. Pensando não passar de uma simples queda, os amigos o levaram para casa achando que ele precisava apenas dormir. No dia seguinte sua mãe tentou acordá-lo , mas dos olhos rolou apenas uma lágrima. Foi levado para Paulo Afonso, mas constatado que sofrera uma hemorragia faleceu em poucas horas.

Não foi fácil vencer mais essa dor. Mas a vida seguiu sem ela nunca perder a serenidade e sem deixar de ser grata à Deus pelo dom da vida. Católica, Zeladora do Coração de Jesus, atribui à fé em Deus e à força da oração a graça de nunca ter morrido em suas mãos nenhuma mãe e nenhuma criança durante todos os anos de serviço como parteira, dom através do qual, aos 105 anos de idade, sente-se realizada por haver cumprido seu papel no mundo.